

A ORGANIZAÇÃO DO TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO NO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO DAS TÉCNICAS ARGUMENTATIVAS NO LIVRO DIDÁTICO

Edmar Peixoto de LIMA¹²³

Gláucia Maria Bastos MARQUES¹²⁴

Antônio Luciano PONTES¹²⁵

Resumo: A argumentação está presente nos diversos discursos que permeiam a sociedade. O orador utiliza-se das estratégias argumentativas para influenciar o auditório na defesa das teses apresentadas. Assim, propomo-nos a investigar como se desenvolve a argumentação na formação do aluno da educação básica e qual a filiação teórica existente nos enunciados do Livro Didático quando trata do texto argumentativo. Pautamos nossas análises nos estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca, Souza, Abreu entre outros e, como resultados, percebemos que o LD discute as questões relacionadas à teoria da argumentação sem muito aprofundamento teórico, principalmente com relação à seleção e ao uso dos argumentos no texto.

Palavras-chave: Texto Argumentativo. Técnicas Argumentativas. Livro Didático.

Abstract: *Argumentation is present in several discourses that permeate the society. The speaker uses argumentative strategies to influence the audience in defense of the theses presented. Thus, we aim to investigate how argumentation is developed in the formation of High School students and which theoretical affiliation underlies the Textbook utterances when it comes to the argumentative text. We based our analysis on studies of Perelman e Olbrechts-Tyteca, Souza, Abreu and others and, as a result, we have realized that the Textbook discusses issues related to the theory of argumentation without much theoretical discussion, particularly with respect to the selection and use of arguments in the text.*

Keywords: *Argumentative text. Argumentative techniques. Textbook.*

¹²³ Doutoranda do programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE); Professora Assistente IV do Departamento de Letras Vernáculas (DLV) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); professoraedmar@gmail.com

¹²⁴ Doutoranda do programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE); Professora do Colégio Militar de Fortaleza(CMF); glauciabastosmarques@yahoo.com.br

¹²⁵ Professor do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE); Professor Titular do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); pontes123@hotmail.com

Considerações iniciais

Com base no pressuposto vygotskiano de que é na linguagem e pela linguagem que nos constituímos como seres individuais e sociais, no contexto ensino-aprendizagem da língua, o aluno precisa compreender que é por intermédio dela que se dá a interação, visto que é no ato comunicativo que os interlocutores se apropriam de textos já produzidos para construírem seus dizeres, levando em conta os objetivos a que se propõem.

Tomamos ainda como pressuposição a noção de que o ato argumentativo atravessa os diversos espaços discursivos, pois entendemos que argumentar está intrinsecamente envolvido em qualquer ação comunicativa, na medida em que pensamos as práticas de linguagem como forma de o orador revelar crenças, convicções, valores e, muitas vezes, ter como propósito convencer o auditório sobre algo.

Por essa razão, a argumentação torna-se fundamental tanto para a construção do texto oral quanto escrito. Nesse caso, com relação à produção textual na sala de aula, consideramos que o texto dissertativo-argumentativo se institui como espaço de construção discursiva, tendo em vista que os elementos da argumentação se fazem presentes com a finalidade de convencer o interlocutor com relação aos posicionamentos tomados pelo autor no constructo textual.

Nesse contexto, a proposta deste artigo é investigar a função das técnicas argumentativas no ensino do texto dissertativo-argumentativo e, para tal, apropriamo-nos do livro didático do Ensino Médio *Português e Linguagens* do 3º ano (2005) com o intuito de analisarmos de que forma a argumentação é tratada quando se discute a organização desse tipo de texto em sala de aula.

A escolha do *corpus* se deu por acreditarmos que seja necessário compreender como se processa o ensino-aprendizagem da produção textual na formação do aluno da educação básica e, principalmente, entender de que maneira o discente tem acesso aos conhecimentos exigidos pelas instituições responsáveis por avaliá-los ao término do 3º ano. Mais especificamente o exame do Enem, com a exigência do texto dissertativo-argumentativo na prova de redação.

Assim, o Livro didático (LD) torna-se fundamental neste trabalho, uma vez que, para desenvolver as ações pedagógicas, a comunidade educacional recorre a diversos elementos que possam proporcionar condições de ensino e, dentre eles, destacamos o LD como instrumento de apoio ao trabalho docente. Embora sendo alvo de muitos questionamentos e inúmeras críticas, esse material tem se mostrado como uma ferramenta extremamente útil ao trabalho em sala de aula. Isso porque, não raras vezes, se configura como único meio de acesso, não só do

aluno, mas também do professor às teorias que embasam o ensino da língua.

Deste modo, esse instrumento passa a ser o principal elemento por meio do qual os docentes se apropriam do conhecimento. Torna-se, então, imperativo compreender como o LD aborda as questões relacionadas à argumentação no Ensino Médio. Destacamos, ainda, a necessidade de se compreender qual o diálogo que o livro didático realiza com as teorias quando se propõe a trabalhar com o ensino do texto argumentativo na sala de aula do Ensino Médio.

Para tanto, delimitamos do livro do 3º ano do Ensino Médio *Português linguagens* (2005) o capítulo *O texto argumentativo: a seleção de argumentos*, que trata da construção das estratégias argumentativas no texto. Esse capítulo torna-se importante para o público alvo ao qual se destina e, conseqüentemente, para nossa pesquisa, pelo fato de acharmos que irá apresentar ao aluno a diversidade de argumentos de que ele poderá fazer uso para organizar a sua produção textual de modo que possa elencar os argumentos adequados para convencer seu interlocutor a aderir a uma tese.

Esse objeto de conhecimento está relacionado às competências necessárias ao aluno no momento da construção das redações, posto que ele precisa selecionar, organizar e interpretar argumentos que deem sustentação às teses que defende.

Para efeito de explanação deste artigo, apresentamos algumas considerações acerca dos estudos dos gêneros textuais, para, em seguida, adentrarmos as discussões sobre as técnicas argumentativas. Após os fundamentos teóricos, analisamos de que forma essas técnicas são apresentadas no LD, visando demonstrar em quais momentos nos deparamos com a teoria sobre argumentação ou as teorias da argumentação no ensino do texto argumentativo na educação básica e, por fim, expusemos nossas considerações finais. Salientamos que, nas discussões sobre as técnicas argumentativas, abordamos apenas as que aparecem no capítulo do livro didático selecionado para este trabalho.

Considerações sobre os gêneros textuais

A partir dos estudos bakhtinianos sobre os gêneros discursivos, as questões que envolvem o ensino de Língua Portuguesa foram redimensionadas com o propósito de promover o uso do texto na sala de aula e agenciar um ensino da língua mais produtivo. Surgiram assim novas propostas de ensino e inúmeras pesquisas emergiram com o objetivo de compreender de que forma o texto poderia ser, de fato, o objeto central do processo ensino-aprendizagem da disciplina de Língua Portuguesa, deixando de ser utilizado apenas como pretexto para o estudo

de outros conteúdos, e tendo como eixo os gêneros textuais.

Conforme Marcuschi (2008), o estudo sobre os gêneros não é novo e o que se tem talvez seja um “modismo” com relação a isso. Esses estudos remontam à Antiguidade Clássica com Platão, mas principalmente com Aristóteles, quando, além do caráter literário, o filósofo sistematiza os estudos genéricos, considerando a natureza do discurso, o auditório ao qual se direciona e a funcionalidade discursiva. Assim, o pensador grego propõe o gênero deliberativo, cuja função é recomendar, indicar, sugerir, desaconselhar etc.; o judiciário, que visa acusar ou defender algo ou alguém; e o epidítico que tem como objetivo tecer censuras ou elogios. Daí todas as reflexões sobre gêneros percorreram não somente o período da Antiguidade, mas as Idades Média e Moderna, ancoradas na relação com a literatura e a retórica.

Durante a primeira década do século XX, surge um novo ator nesse cenário centrando suas reflexões na questão dos gêneros: Mikhail Bakhtin que estabelece uma relação direta entre a natureza das construções genéricas e as atividades humanas. Bakhtin (2003) define o gênero como forma mais ou menos estabilizada de organização do enunciado, determinada por um dado campo ou por uma dada esfera da atividade humana, a partir dos elementos composicionais, temáticos e estilísticos que o organizam.

Com essa ampliação epistemológica, os gêneros passaram a ser estudados em várias áreas do conhecimento, chegando ao campo da didática. Para Marcuschi, o estudo dos gêneros tem se tornado

um empreendimento cada vez mais multidisciplinar. Assim a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral. O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas. (2008, p. 149).

Nessa perspectiva, o ensino da língua segue uma nova abordagem e o texto é colocado como ponto de partida e ponto de chegada para o processo ensino-aprendizagem e o leitor passa a ser uma categoria valorizada, na medida em que são reconhecidas sua atuação e participação na produção de sentidos. Esse contexto o coloca numa condição dialógica e responsiva diante dos textos organizados nos mais variados gêneros. Dessa forma, ao se discutir o uso do texto na sala de aula, percebe-se a necessidade de um “novo” leitor, um “novo” escritor, que, diante da materialidade discursiva, assuma uma função interpretativa e comprometida com a construção de sentidos dos dizeres, ultrapassando a concepção de que o sentido seria algo já posto no texto, *a priori*.

Diante desse novo quadro, resta à escola o grande desafio de motivar os discentes a perceberem a importância da leitura para a compreensão dos discursos que permeiam a sociedade, levando-os a compreender, tanto nos seus, como nos discursos dos outros, as escolhas linguísticas realizadas pelo locutor e os diversos efeitos de sentidos que se podem produzir com elas. Isso porque a compreensão é uma ação de parceria entre os elementos do processo comunicativo, considerando, além dos atores envolvidos, as condições de produção e recepção em que os discursos são proferidos. Logo, compreender é ação e não recepção passiva.

Nesse sentido, torna-se imprescindível a formação do discente enquanto um leitor crítico, capaz de produzir e de compreender os discursos que circulam nos espaços sociais e de atuar como um sujeito com plenas condições de influenciar seus interlocutores acerca das teses que defende em suas produções de textos em distintos contextos sociais.

Considerações sobre as técnicas argumentativas

As relações humanas se constituem na dimensão dialógica da linguagem, pois os interlocutores assumem diversos papéis no ato comunicativo e estão sempre tentando atuar sobre o outro, buscando levá-lo ao convencimento acerca de ideias e posições apresentadas pelo locutor. Nesse cenário, argumentar é uma “ação que tende sempre a modificar um estado preexistente” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 61) e faz parte da interação verbal.

Logo, pode-se afirmar que todo discurso é argumentativo, uma vez que, segundo Fiorin (2014, p. 9), “o dialogismo preside à construção de todo discurso, então um discurso será uma voz nesse diálogo discursivo incessante que é a história.”. Assim sendo, os falantes se apropriam dos dizeres tendo em vista uma função comunicativa, cujo objetivo pode ser o de emocionar, incentivar, persuadir e/ou convencer o interlocutor. Para isso, segundo os preceitos na nova retórica, cabe ao orador selecionar as técnicas de argumentação adequadas ao seu propósito argumentativo.

Assim, de acordo com as discussões já apontadas, a construção do discurso se dá pelas escolhas argumentativas de que o orador se apropria com vistas a agir sobre o auditório, levando este à aceitação ou não das teses defendidas. Nesse sentido, faz-se necessário aqui compreender de que forma essas questões podem se apresentar nos discursos, uma vez que assumem o papel de articular as ideias defendidas pelo orador.

Mesmo sabendo que todos os elementos da argumentação estão interligados e que, por

essa razão, formam um emaranhado discursivo, as técnicas argumentativas estão abordadas aqui separadamente como forma de tornar mais didática a exposição e discussão. Vale salientar que apresentamos aqui apenas as técnicas que são discutidas no LD do 3º ano do Ensino Médio. Desse modo, analisamos os: i) argumentos por alusão histórica; ii) argumentos de presença; iii) argumentos com provas concretas; iv) argumentos consensuais; v) argumentos por comparação; vi) argumentos de autoridade ou de exemplo; e vii) argumentos de retorção. Buscamos relacionar esses tipos de argumentos com as discussões realizadas pelo *Tratado da Argumentação: A nova retórica* (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005), obra conhecida por teorizar sobre as técnicas argumentativas e fundamentamo-nos ainda em Fiorin (2013) que nos apresenta “as bases da argumentação” e as “principais organizações discursivas utilizadas na persuasão”.

Conforme as análises apresentadas adiante, nossos resultados demonstram que os argumentos i) e ii) fazem parte do que Perelman e Tyteca (2005, p.194) chamam de *as figuras de escolha, da presença e da comunhão*. Essas figuras, de acordo com os autores, exercem a função de instigar o interlocutor a acionar algo já conhecido que aconteceu no passado e que possa influenciar de alguma forma na argumentação. *As figuras de presença* ou *argumento de presença* contribuem para “tornar presente o objeto do discurso” (IDEM, 2005, p.197), em que o orador poderá utilizar desde a *onomatopeia*, a *repetição*, a *amplificação*, a *sinonímia* ou *metábole* até o *pseudodiscurso direto* como forma de aproximar do interlocutor o discurso argumentativo. Nesse sentido, ele – o orador – poderá recorrer aos argumentos como forma de aumentar o sentimento de presença do auditório às teses que pretende defender.

A *alusão histórica* funciona como uma *figura de comunhão* que consiste em acionar um acontecimento que faz parte do conhecimento do grupo com o qual o orador está dialogando. Essas estratégias revelam conhecimentos acerca dos elementos históricos pertencentes à comunidade e, por conseguinte, poderá aumentar o prestígio do orador perante seu auditório.

Os *argumentos por provas concretas* dizem respeito aos dados já consolidados na sociedade e os consensuais partem de conhecimentos e “verdades” já aceitas pela comunidade. Assim, esses argumentos podem se relacionar aos lugares da argumentação que, de acordo com os autores do *Tratado da Argumentação*, estão ligadas mais ao acordo inicial de que o orador utiliza para iniciar o processo argumentativo, uma vez que poderá partir de lugares gerais mais aceitos pelo auditório para construir o texto argumentativo.

Argumento por comparação, pertencente aos argumentos quase-lógicos, é definido como aquele que, ao confrontar vários objetos, o orador poderá avaliá-los um em relação ao

outro, podendo estabelecer aproximações ou distanciamentos entre eles. Em outras palavras, é uma estratégia em que o orador utiliza de recursos que possam estabelecer diferenciações entre duas realidades. O argumento de retorsão é classificado pelos autores da Nova Retórica como uma das técnicas que visam apresentar teses como compatíveis ou incompatíveis. Nesse sentido, intuimos que são técnicas utilizadas nos discursos do orador como forma de retorcer a afirmativa a favor de suas ideias, dando um caráter de nova interpretação. Assume a função de “mostrar as incompatibilidades reveladas por uma reflexão sobre condições ou consequências de sua afirmação.” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 233).

O *argumento de autoridade ou de exemplo* que aparece no LD como uma técnica única é estudado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) como pertencente aos argumentos baseados na estrutura do real e nas ligações que fundamentam a estrutura do real, respectivamente. No primeiro, deparamo-nos com um argumento que viabiliza a noção de autoridade, já que está relacionado à ideia de que, quando se pensa, não se pensa sozinho. O discurso pode de algum modo, ser respaldado por um alguém de reconhecimento social na área em questão. Portanto, podemos dizer que o argumento de autoridade atribui credibilidade ao orador. O uso dessa estratégia argumentativa, além de revelar a ideia de prestígio, demonstra que as teses defendidas fazem parte de um diálogo mais geral que envolve pessoas autorizadas a dizer o que dizem. Desse modo, o uso dessa técnica corrobora com a noção de valorização ao que está se apresentando como fundamento da tese.

O argumento pelo exemplo se apresenta na nova retórica como uma técnica que se relaciona ao fundamento pelo caso particular (exemplo, ilustração, modelo e antimodelo). De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca, o recurso ao caso particular “pode desempenhar papéis muito variados: como exemplo, permitirá uma generalização; como ilustração, esteará uma regularidade já conhecida; como modelo, incentivará a imitação.” (2005, p. 399). O argumento pelo exemplo parte do pressuposto de que existem regularidades, em que os exemplos poderão ser concretizados, ou seja, serve para fundar uma regra; os argumentos por ilustração embasam-se em uma regra já admitida e devem ser ilustrados, remetendo o auditório à visualização da tese defendida. Por fim, o argumento pelo modelo se caracteriza por uma ação que pode ser imitada, embora esta imitação esteja relacionada à ideia de admiração, uma vez que só se imita aquilo que se admira.

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a ilustração difere do exemplo em razão do estatuto da regra que sustenta cada um deles. A argumentação pelo exemplo é incumbida de fundamentar a regra com estatuto de fato, mediante acordos prévios, enquanto que a

argumentação pela ilustração visa reforçar a adesão a uma regra conhecida e aceita pelo auditório, podendo ser contestada por não depender da adesão à regra, mas por apenas reforçá-la.

Convém ainda salientar que, embora tenhamos conhecimento das técnicas argumentativas apresentadas pelos autores que embasam a teoria da argumentação, esse trabalho não está voltado apenas a uma identificação dessas técnicas, mas em discutir a função que elas desempenham no texto e, principalmente, de que forma os autores do LD discutem-nas no incentivo à seleção dos argumentos para a produção textual no Ensino Médio.

Apreciações sobre o texto argumentativo no livro didático

Tomando por base as discussões apresentadas, entendemos a sala de aula como espaço em que professor (orador) e aluno (auditório) se encontram no discurso, por meio do qual buscam construir significados em parceria. Considerando todos os elementos e ferramentas utilizáveis nesse encontro, elegemos o LD enquanto um dos instrumentais em que os discursos teóricos são didatizados e que exigem em geral a mediação docente. Assim, decidimos analisar as estratégias argumentativas utilizadas neste material pedagógico e a filiação teórica à qual se vinculam os autores, quando abordam o uso do texto argumentativo na escola.

Desse modo, utilizamos o Livro Didático do 3º ano do Ensino Médio *Português Linguagens* que se divide em quatro (04) unidades, subdivididas em capítulos, e selecionamos o capítulo cinco da terceira unidade que se intitula *O texto argumentativo: a seleção de argumentos*. Essa escolha se deu por entendermos que nessa parte podemos apreender com mais perceptibilidade a função dos argumentos presentes nos textos, bem como sermos capazes de estabelecer o diálogo entre o que dizem os autores do LD e o que revela a Nova Retórica com relação ao uso das técnicas argumentativas. Esse diálogo demonstra a necessidade de inter-relacionar os estudos que circulam na universidade com as discussões realizadas na educação básica no processo de formação do aluno.

Logo, parece-nos ser um capítulo importante por revelar que é imprescindível a seleção de bons argumentos para sustentar o ponto de vista do orador. Acrescentamos ainda que esse ato configura-se em uma ação necessária para motivar o auditório a compreender o encadeamento das ideias construídas no discurso. Portanto, fundamental para a produção do texto argumentativo.

Com relação à estrutura, o capítulo apresenta o subitem *Trabalhando o gênero*, no qual

os autores afirmam que “o sucesso de um texto argumentativo depende da seleção dos argumentos que sustentam o ponto de vista do autor” (CEREJA e MAGALHÃES, 2005, p. 246). Logo após a exposição do assunto, o LD apresenta o texto que será trabalhado, cujo título é *Gravidez na adolescência*, com o intuito de, além de ilustrar o tipo de texto, objeto de estudo da unidade, identificar os argumentos presentes naquela construção textual. Os autores orientam o aluno a observar os argumentos utilizados, todavia não dão nenhuma pista sobre o que poderia ser observado, no decorrer da leitura. Não se verifica qualquer fundamentação, com explicações preliminares, acerca da função dos argumentos na construção de sentidos do texto a ser lido.

Logo em seguida, são propostas algumas questões, quatro mais precisamente, que visam a auxiliar o discente no que se refere à identificação da tese e dos argumentos utilizados pelo autor para construir o texto. Os questionamentos feitos, portanto, direcionam o aluno para averiguar o valor que os argumentos assumem no propósito comunicativo do texto. Essa atividade promove uma análise mais pontual do discurso do outro, o que permite ao aluno perceber como poderia ser organizado o discurso argumentativo, além de possibilitar uma maior compreensão da construção de seus próprios discursos.

Após essa etapa de perguntas, o aluno é “convidado” a conhecer com mais profundidade os tipos de argumentos que poderão ajudá-lo na formulação de um texto com determinado propósito argumentativo. Para isso, os autores do LD discutem e definem os tipos de argumentos de forma sucinta. Esse conhecimento se faz importante para os discentes em virtude da relevância deles se apropriarem das definições de cada tipo de argumento na construção de conhecimentos, no que se refere à compreensão do texto argumentativo. Nesse momento, percebemos que emergem algumas acepções da Teoria da Argumentação, interligadas com exemplificações de textos que apresentam relação com assuntos da vida cotidiana do aluno.

Conforme já mencionamos, os argumentos que são expostos no LD são os de comparação, alusão histórica, com provas concretas, consensuais, de autoridade ou de exemplo, de presença e, por fim, os argumentos de retorção. Por meio das verificações realizadas, analisamos que o diálogo estabelecido no processo de transposição didática se consolida na preocupação de que

o sentido e o alcance de um argumento isolado não podem, senão raramente, ser compreendidos sem ambiguidades; a análise de um elo da argumentação fora do contexto e independentemente da situação em que ele se insere, apresenta inegáveis perigos. (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 211).

Assim sendo, o contexto, tanto de produção, quanto de recepção, se confirma como elemento fundamental para a construção de sentidos coerentes e válidos.

No LD, observamos uma terminologia simples e concisa para definir as técnicas argumentativas e, como forma de ilustrar, os autores se apropriam de exemplificações para demonstrar de que forma esses argumentos aparecem no constructo textual. Consideramos esse aspecto importante para a formação dos alunos, principalmente no que se refere à compreensão dos aspectos teóricos das definições o que, a nosso ver, poderá auxiliar o aprendiz no processo de produção textual.

O LD em questão apresenta um subitem chamado *Produzindo o texto argumentativo – oral e escrito* como uma forma de motivar o aluno a construir textos argumentativos em modalidades distintas. Neste ponto, os autores utilizam como metodologia a divisão em subtópicos e apresentam um subitem chamado *Colhendo informações* em que é exposto um texto, publicado no *Estado de São Paulo* no ano de 2008, cujo assunto envolve questões que estão relacionadas à vida dos jovens e serve como fonte para que o aluno possa, conforme o subitem, obter informações que lhe possibilitem ampliar os conhecimentos. Neste texto, há um grande debate acerca dos assuntos que envolvem a vida dos adolescentes principalmente com relação à educação escolar.

Os autores dão sugestões de temas e propõem que os alunos se organizem e realizem um *debate regrado*. Além disso, expõem algumas dicas de como eles devem se posicionar no momento da realização do debate. Acrescentam, ainda, que o estudante tome por base as informações dos textos, assim como seus conhecimentos prévios e busque ampliar as discussões se posicionando e defendendo seus pontos de vista. O mote alto do item é chamar-lhe a atenção para que, ao argumentar, se aproprie dos tipos de argumentos discutidos anteriormente a fim de justificar e defender suas ideias.

Para isso, o LD apresenta um subitem *Produzindo o texto argumentativo escrito* em que os autores exibem as instruções que devem ser seguidas pelos alunos para que a produção de texto atenda aos objetivos propostos. As instruções revelam a necessidade de formar um aluno crítico, capaz de adequar seu texto aos diferentes contextos sociodiscursivos e de avaliar sua própria produção.

Vale ressaltar que percebemos no discurso dos autores a valorização dos conhecimentos de mundo já adquiridos pelo aluno, o que nos leva a inferir que não basta para os discentes apenas conhecerem os tipos e os usos dos argumentos, mas compreenderem e organizarem os seus saberes de modo que possam construir teses coerentes e defensáveis com segurança e

conhecimento.

Quanto aos tipos de argumentos, foco desse trabalho, tomamos como ponto de partida a compreensão de que eles visam a justificar a tese inicial do orador com o objetivo de convencer o auditório, principalmente, quando os autores afirmam que “o sucesso do texto argumentativo depende muito da seleção dos argumentos que sustentam o ponto de vista do autor” (CEREJA e MAGALHÃES, 2005, p. 246). Observamos, então, que os argumentos são essenciais no contexto de enunciação acima descrito e que devem ser utilizados de forma diversificada e coerente, cumprindo a função de dar um caráter de sustentação à tese axial defendida pelo orador.

Ainda, para os autores, o texto argumentativo deve apresentar argumentos bem fundamentados, oferecendo ao interlocutor informações consistentes, bem delimitadas e definidas. Segundo Abreu as técnicas argumentativas são “os fundamentos que estabelecem a ligação entre as teses de adesão inicial e a tese principal” (2002 p. 49). Isso é ressaltado no diálogo que o LD oferece, haja vista os autores estarem sempre demonstrando a importância dos argumentos nessa construção para ancorar um ponto de vista.

Avaliando que o propósito da Argumentação é convencer o auditório acerca das teses defendidas pelo orador, entendemos que argumentar envolve no mínimo dois participantes no processo e um tema a ser defendido. Nesse sentido, “para que uma argumentação se desenvolva, é preciso, de fato, que aqueles a quem ela se destina lhe prestem alguma atenção” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 20). Como forma de estabelecer essa posição de aceitação, cabe ao orador apresentar inicialmente questões que chamem a atenção do auditório. Nesse ambiente de construção discursiva, é necessário que o auditório assuma um ponto de vista, havendo uma troca de posições entre os participantes do discurso – ora de orador, ora de auditório.

Ainda em relação às análises, os resultados demonstram que a metodologia utilizada, para abordar o uso dos argumentos no LD, oferece condições de o aluno compreender o processo de organização na seleção dos argumentos para sustentar as teses defendidas. Avaliamos que a linguagem simples das definições, com exemplificações, auxilia o entendimento discente e seu processo de produção textual. No entanto, percebemos que as explicações são bastante sucintas, sendo necessário que haja um maior aprofundamento do tema, uma vez que devemos ter como meta a autonomia acadêmica do aluno. Ou seja, os alunos precisam ser capazes de selecionar os argumentos em outros contextos para produzirem seus textos com competência e, talvez compreendendo os tipos de argumentos com mais

propriedade, possam realizar essa ação com mais confiabilidade e destreza.

Mesmo assim, entendemos que isso não invalida as discussões e tampouco a necessidade de tratar o assunto no LD do Ensino Médio. Tudo isso nos revela que ainda temos muito a pesquisar e aprofundar sobre o uso do texto dissertativo-argumentativo e, principalmente, no tocante à seleção dos argumentos no processo de construção da argumentação na formação dos estudantes da Educação Básica no devir.

Considerações finais

Diante de nossas análises, cremos que o LD aborda as discussões sobre a argumentação de maneira muito próxima às debatidas no que chamamos de Argumentação Retórica, apresentadas no *Tratado da Argumentação: a nova retórica*, posto que os argumentos são apresentados e discutidos de modo que o aluno possa ter acesso à funcionalidade deles no texto.

Desse modo, chegamos à conclusão de que é necessário discutir a seleção dos argumentos com mais profundidade e clareza para que o aluno perceba a necessidade de dominar, ou pelo menos compreender com mais discernimento, a importância dessas construções nas defesas das teses. Defendemos a ideia de que esse é um conteúdo escolar que auxilia na interação social e que, portanto, deve fazer parte do conteúdo de ensino com vistas a formar alunos capazes de se posicionarem socialmente e de defenderem seus pontos de vista, por meio da seleção de argumentos adequados a cada situação comunicativa.

Para finalizar, reiteramos que o presente trabalho se configura como um estudo inicial acerca do diálogo entre o Livro Didático e as Teorias da Argumentação, necessitando, portanto, de novas pesquisas e de análises posteriores. Isso com o intuito inclusive de promover discussões com as demais subáreas da Argumentação, como forma de ampliar as diferentes maneiras de observar o fenômeno.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

CEREJA, R. W.; MAGALHÃES, T. C. **Português Linguagens: leitura, produção de texto e gramática** – 3. 5ª ed. São Paulo, Atual Editora: 2005.

CITELLI, A. **Linguagem e persuasão**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Ática, 2007.

- FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2013.
- FREITAS, A. C. de. ; RODRIGUES, L. de O. SAMPAIO, M. L. P. (Orgs.) **Linguagem, discurso e cultura: múltiplos objetos e abordagens**. Mossoró: Queima-Bucha, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MEYER, M.. **A Retórica**. 1ª edição. São Paulo: editora Ática, 2007
- MOSCA, L. S. (Org.). **Discurso, argumentação e produção de sentidos**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- _____. (Org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.
- OSAKABE, H. **Argumentação e discurso político**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PERELMAN, C.; TYTECA, L. O. **O tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- SOUZA, G. S. A argumentação no discurso: questões contextuais. In FREITAS, A. C. de.; RODRIGUES, L. de O. SAMPAIO, M. L. P. (Orgs.) **Linguagem, discurso e cultura: múltiplos objetos e abordagens**. Mossoró: Queima-Bucha, 2008.